



As conexões entre a Arte Ambiental com a Educação Ambiental: reflexões a partir de experiências em educação formal e não formal¹

Fernanda Eiras Rubio²
Universidade de São Paulo (USP)
0009-0001-5620-9861

Mônica Conceição dos Santos Peres³
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)
0009-0006-6253-830X

Andrea Rabinovici⁴
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)
0000-0001-8440-8713

Resumo: Este ensaio deriva de pesquisa de conclusão de curso de pós-graduação e aborda a Arte Ambiental enquanto método de Educação Ambiental. Tece reflexões a partir de experiências concretas em educação formal e não formal ocorridas em um Centro de Educação Infantil e em uma Escola Estadual em São Paulo e no Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas, em Itanhaém, ambos no estado de São Paulo. Da observação de atividades e revisão bibliográfica, foi possível refletir sobre as estratégias e o seu potencial de levar a trocas diversas entre participantes, à sua sensibilização sobre as questões socioambientais e melhoria da qualidade de vida e mostram que as diversas linguagens da arte são potentes ferramentas de expressão de subjetividades e podem promover a participação e melhora na saúde individual e coletiva, contribuindo para a existência de espaços mais sustentáveis e inclusivos.

Palavras-chave: Arte Ambiental, Educação Ambiental, Escolas públicas, Centro de Atenção Psicossocial.

¹ Recebido em: 13/11/2023. Aprovado em: 05/05/2024.

² Pós-graduada em Educação Socioambiental e Sustentabilidade na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) / Universidade Aberta do Meio Ambiente e Cultura de Paz (UMAPAZ), Mestranda em Mudança Social e Participação Política na Universidade de São Paulo (USP), Professora na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, Brasil, fernandarubio@usp.br.

³ Pós-graduada em Educação Socioambiental e Sustentabilidade na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) / Universidade Aberta do Meio Ambiente e Cultura de Paz (UMAPAZ), Assistente Social na Secretaria Municipal de Saúde do Município de Itanhaém, Brasil, monicacsperes@gmail.com.

⁴ Doutora em Ambiente e Sociedade pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Docente na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Brasil, arabinovici@unifesp.br.

Las conexiones entre Arte Ambiental y Educación Ambiental: reflexiones desde experiencias en educación formal y no formal

Resumen: Este ensayo surge de una investigación de finalización de posgrado y aborda la Arte Ambiental como método de Educación Ambiental. Teje reflexiones a partir de experiencias concretas en educación formal y no formal que tuvieron lugar en un Centro de Educación Infantil y en una Escuela Estatal de São Paulo y en el Centro de Atención Psicosocial - Alcohol y Drogas, en Itanhaém, ambos en el estado de São Paulo. A partir de la observación de las actividades y la revisión bibliográfica, fue posible reflejar sobre las estrategias y sus potencialidades para propiciar intercambios diversos entre los participantes, su sensibilización sobre cuestiones socioambientales y la mejora de su calidad de vida y mostrar que los diferentes lenguajes del la arte son poderosas herramientas de expresión de subjetividades y pueden promover la participación y mejoras en la salud individual y colectiva, contribuyendo a la existencia de espacios más sostenibles e inclusivos.

Palabras-clave: Arte Ambiental, Educación Ambiental, Escuelas Públicas, Centro de Atención Psicosocial.

The connections between Environmental Art and Environmental Education: reflections from experiences in formal and non-formal education

Abstract: This essay derives from postgraduate course conclusion research and addresses Environmental Art as a method of Environmental Education. It weaves reflections based on concrete experiences in formal and non-formal education that took place in an Early Childhood Education Center and in a State School in São Paulo and at the Psychosocial Care Center - Alcohol and Drugs, in Itanhaém, both in the state of São Paulo. From observation of activities and bibliographical review, It was possible to reflect on the strategies and their potential to lead to diverse exchanges between participants, to their awareness of socio-environmental issues and improved quality of life and show that the different languages of art are powerful tools expression of subjectivities and can promote participation and improvements in individual and collective health, contributing to the existence of more sustainable and inclusive spaces.

Keywords: Environmental Art, Environmental Education, Public Schools, Center for Psychosocial Attention.

INTRODUÇÃO

Este ensaio deriva de um Trabalho de Conclusão de Curso (Rubio *et al.*, 2023) que investigou a aplicação da Arte Ambiental (AA) tanto na educação formal quanto na não formal, com base em experiências realizadas nas cidades de São Paulo e Itanhaém, ambas no estado de São Paulo. O foco do artigo está na análise das interconexões entre a Arte e a Educação Ambiental, referenciando a literatura pertinente.

A Arte Ambiental, movimento artístico de denúncia à degradação ambiental, iniciou na década de 1960, nos Estados Unidos, originando-se do movimento da *Land Art* (Rkain, 2021), por meio do qual os projetos de arte se relacionavam e se integravam

com a natureza. Este conceito está associado a movimentos socioambientais, à medida que se utiliza, de maneira crítica, de obras de arte para abordar questões ambientais.

A Arte Ambiental possui o potencial de sensibilizar a sociedade para as questões ambientais. Ao promover o uso de materiais naturais e a reutilização de resíduos, além de incentivar a pesquisa interdisciplinar, traz consigo a importante dimensão do respeito pelo meio ambiente por meio de obras que se integram a ele. Isso inspira diferentes grupos sociais a adotarem a arte como uma ferramenta para a transformação social.

Como movimento artístico, a Arte Ambiental pode inspirar grupos sociais a empregar as linguagens artísticas como instrumentos para a transformação social. Essa forma de expressão é crucial para os campos socioambientais e de sustentabilidade, uma vez que fomenta a discussão sobre a degradação ambiental sensibilizando as pessoas por meio da arte. Movimentos artísticos, sociais e culturais são importantes para a mobilização e a mudança de comportamentos.

Atividades relacionadas à Arte Ambiental têm o potencial de criar uma mudança positiva na realidade, promovendo a troca de conhecimento na educação formal e não formal. Isso acontece por meio de oficinas experimentais, vivências e processos investigativos individuais e coletivos. Além disso, essas atividades podem fortalecer a interação social e o senso de pertencimento em comunidades e territórios.

Para além da Arte Ambiental, a arte em si, de acordo com Sato e Passos (2010, p. 45), “nunca foi percebida como temática imprescindível no debate político do ambientalismo, ficando renegada às dinâmicas iniciais ou finais de eventos e encontros”. Para os autores, a arte traz o que há de mais fecundo nos seres humanos, abrindo caminhos para que: “a dimensão ambiental não seja percebida apenas pela sua tragédia, mas essencialmente pela sua beleza revolucionária em questionar os modelos de vida consumista a favor de ações mais sustentáveis” (Sato; Passos, 2010, p. 45-46).

Como destacado por Herbert Read (1982), o conceito de Arte Ambiental une as linguagens artísticas à natureza e demonstra como a arte pode invadir e qualificar a vida (Avancini, 1995). Uma série de artistas contribuiu para esse movimento ao longo dos anos, usando sua arte como meio de expressar preocupações ambientais e sociais.

Artistas como Agnes Denes nos Estados Unidos, Frans Krajcberg e Hélio Oiticica no Brasil, criaram obras significativas relacionadas à natureza e às questões ambientais. Essas obras que frequentemente ocorriam em espaços públicos, tiveram um

impacto positivo na mudança de paradigmas no mundo da arte, estimulando discussões e ampliando a conscientização sobre questões ambientais.

A estadunidense Agnes Denes (Ivo, 2020), utilizando variadas linguagens de expressão em suas práxis, percebe a natureza como filosofia. Em aterro no centro de Manhattan, Nova Iorque, em 1982, com a obra *Wheatfield – A Confrontation*, ela plantou um campo de trigo para criticar o capitalismo e o uso de agrotóxicos (Figura 1).

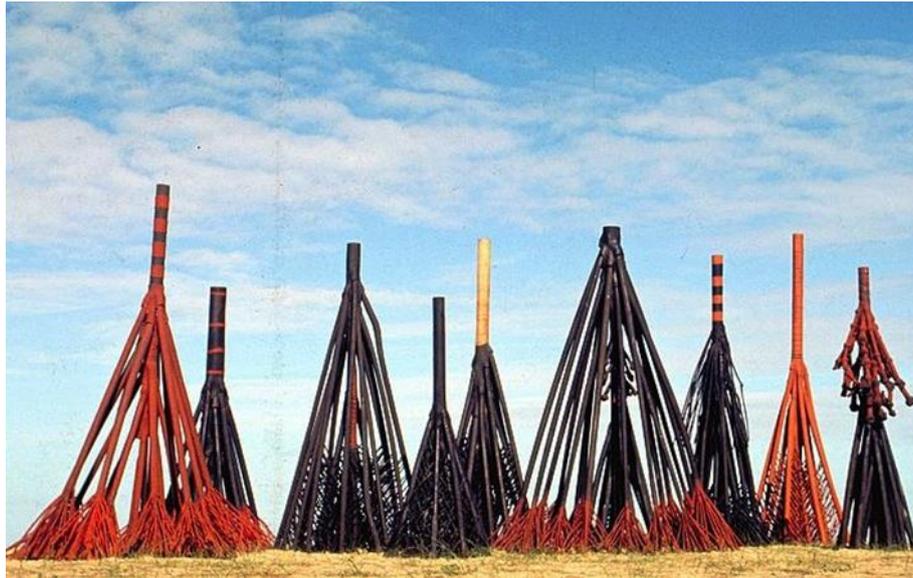
Figura 1: Denes caminha pelo campo de trigo.



Fonte: <https://www.artequacontece.com.br/a-natureza-como-filosofia-em-agnes-denes/>, 2020.

No Brasil Frans Krajcberg (Matos, 2022) fez de sua obra um manifesto para abordar problemáticas ambientais através das esculturas com troncos e raízes de árvores queimadas (Figura 2).

Figura 2: Conjunto de Esculturas.



Fonte: <https://noticias.foleto.com/noticias/conheca-frans-krajcberg-o-artista-que-doou-toda-sua-obra-para-a-bahia-59729>, 2022.

Hélio Oiticica, que, segundo Pedrosa (1981), teria chamado de Arte Ambiental sua obra, ao considerar seu trabalho como conjunto no qual domina o perceptivo sensorial, criava obras interativas em diálogo com outros artistas envolvidos com Arte Ambiental, que performavam nos espaços públicos, em seu Programa Ambiental, de 1959. Oiticica explica a proposta, considerando o ambiental, a reunião indivisível de todas as modalidades já conhecidas como linguagens artísticas: a cor, a palavra, a luz, a ação, a construção etc., e a necessidade inventiva do próprio artista ou dos participantes em contato com a obra (Oiticica, 2011).

Robert Smithson (2021), por meio da *Land Art*, que cria intervenções utilizando materiais naturais encontrados no ambiente, buscou provocar estas discussões e criou em 1970 a obra *Spiral Jetty* com minerais e terra às margens do *Great Salt Lake* no estado de Utah (Figura 3). Essa obra segue provocando polêmicas e, devido à exploração de óleo natural no lago, está se modificando continuamente.

Figura 3: Dia Art Foundation.



Fonte: © Holt/Smithson Foundation and Dia Art Foundation / Licensed by Artists Rights Society, New York. Disponível em: <https://holtsmithsonfoundation.org/spiral-jetty>, 1970.

O artista alemão, Joseph Beuys, do movimento da arte *In Fluxus*, trabalhava com elementos da natureza e entendia o ser humano como sua parte integrante (Cypriano, 2021). As atividades constituídas por ações efêmeras no cotidiano, como uma plataforma de transformação social ou como uma escultura social, questionavam o mercado da arte. Estes projetos tinham cunho político, educativo e pragmático. No trabalho “Sete mil carvalhos”, em Kassel, Beuys plantou milhares de árvores transformando o ambiente com a rearborização, concretizando a ideia de escultura social (Figura 4). A ação artística gerou mudança efetiva.

Figura 4: *Joseph Beuys's 7,000 Oaks was created in Kassel, Germany in 1982, and pictured here in 2021.*



Fonte: <https://www.bbc.com/culture/article/20210618-joseph-beuys-the-original-eco-activist>, 2021.

No Brasil, em 1973, foi criado o Movimento de Arte e Pensamento Ecológico (MAPE, S/d), a partir de uma performance do artista, ecologista e humanista Emilio Miguel Abella nas ruas de São Paulo, que tinha como objetivo denunciar a poluição atmosférica e como tal repercutiu na mídia. Em 1978 o MAPE publicou a Revista Pensamento Ecológico que, segundo Viola (1986) é o primeiro órgão de debate sistemático de ambientalistas brasileiros. Ao longo dos anos, os envolvidos participaram de diversos eventos, entre eles a Bienal Ecológica Urbana em 1985, a Eco-92 e foi formada a liga pela Ecologia Humana com 2300 Organizações Não Governamentais brasileiras filiadas. A história do MAPE inicia com a ação de um artista e ganha alcance internacional com um trabalho mobilizador, coletivo e duradouro.

Os posicionamentos dos ambientalistas contribuíram positivamente como interlocutores legítimos e enquanto formadores de opinião pública nos países do norte global. Já no sul global, o movimento ecológico enfrentou desafios maiores, devido aos problemas de degradação ambiental somados aos de injustiça social (Viola, 1986).

O artista brasileiro Vik Muniz (S/d) contribuiu com a popularização do tema da arte ecológica e suas discussões, a partir do trabalho no Jardim Gramacho, RJ, um dos maiores aterros sanitários do mundo. Muniz passou dois anos fotografando catadores de materiais recicláveis e utilizando, em suas obras, resíduos sólidos retirados do aterro (Figura 5). O trabalho resultou no documentário “Lixo Extraordinário” (2009).

Figura 5: Uma das obras finalizada no Jardim Gramacho e que, mais tarde, foi leiloadada e vendida por milhares de reais.



Fonte: (Imagem: Downtown Filmes). Disponível em: <https://canaltech.com.br/cinema/critica-lixo-extraordinario-e-a-realidade-por-tras-da-obra-milionaria-177236/>, 2021.

Denunciando as queimadas das florestas na região da Amazônia é possível destacar a arte de Mundano (Giacomo, 2022). Em 2022, Mundano realizou uma exposição na Passagem Literária da Consolação em São Paulo, SP, com pinturas tendo como material artístico, cinzas de queimadas da floresta. Com a venda das obras ele apoiou a Rede Nacional de Brigadistas Voluntários.

Outro trabalho emergindo no Brasil é a obra performática de Uýra Sodoma (Rahe, 2021) presente no livro “Eco-lógicas Latinas”, lançado em 2023 (Figura 6). A artista acredita na importância da educação pela sensibilização e no trabalho em rede para mudanças de comportamento. Segundo Ticoulat e Lopes (2023) seu trabalho impacta por meio da reconexão das dimensões social, ambiental, cultural e espiritual, combinadas com o ativismo político.

Figura 6: Ensaio Fogo, Série Elementar.



Fonte: Matheus Belém. Disponível em: <https://dasartes.com.br/materias/uyra-sodoma/>, 2018.

Há espaços abertos contribuindo com a reflexão sobre questões socioambientais a ser mencionados, tais como o Instituto Inhotim⁵, MG, e o Museu Baldio⁶, RS, ambos museus a céu aberto. Inhotim é um museu de arte contemporânea e jardim botânico privado, tendo exposições que abordam questões socioambientais e direitos humanos, no entanto, é criticado por receber contribuições de empresas poluidoras. Já o Baldio, em terreno degradado, forma um parque com ações de arte e ecologia comunitárias.

Fortalecendo esse campo da arte interativa aliada à tecnologia com uma perspectiva transdisciplinar e reflexiva, o projeto *Avant Garden*⁷, SP, propõe a jardinagem coletiva como zeladoria urbana. Por meio de ferramentas digitais com recursos artísticos e formações remuneradas para os participantes que serão multiplicadores nos espaços públicos, em diferentes regiões na cidade, essa estratégia participativa em rede e associada às políticas públicas, pode ser um caminho que une a Arte Ambiental, ciência cidadã e inovações tecnológicas.

Projetos formativos são fomentados em outros países e, em suas variadas formas de expressão e estratégias para abordar questões ambientais, são de extrema relevância para a construção de confluências com a EA.

⁵ <https://www.inhotim.org.br>

⁶ <https://oblogdoparque.wordpress.com/museubaldio/>

⁷ <https://www.avantgarden.com.br/>

Associando com a educação e a relação das espacialidades, os trabalhos do movimento da Arte Ambiental, *Land Art* e da arte e ecologia, também se configuram como ambientais e dependem de ações integradas na busca por melhores condições de saúde e qualidade de vida, considerando que os problemas exigem articulações diversas nas instâncias do poder público (Teixeira *et al.*, S/d).

Este ensaio busca integrar as perspectivas da EA e da Arte Ambiental e destas com os segmentos da educação formal e não formal, seja na área da educação, saúde, meio ambiente ou da assistência social. Os problemas socioambientais permeiam diferentes aspectos da vida em comunidade e demandam mobilizações integradas, para mudanças efetivas em sociedade.

O objetivo geral desta pesquisa, foi, por meio da análise de algumas experiências de trabalho com a Arte Ambiental, verificar suas potencialidades no campo da EA e refletir sobre o fazer educativo aplicado no ensino formal nos segmentos da educação infantil na rede municipal de educação em São Paulo, em uma série de oficinas e no ensino fundamental anos finais como um projeto no componente Eletiva do Inova Educação (SEE-SP, S/d) e na educação não formal nas atividades em um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS-AD) (Rubio *et al.*, 2023).

DESENVOLVIMENTO

Realizou-se uma revisão bibliográfica explorando o conceito da Arte Ambiental em diálogo com a Educação Ambiental (EA). Embora pouco investigada no Brasil, a Arte Ambiental se faz presente pelas práticas artísticas desde os anos de 1960 a partir das preocupações com a degradação ambiental, de artistas e de movimentos culturais.

As atividades educativas que embasaram a pesquisa foram oficinas, vivências e projetos com a temática Arte Ambiental na educação formal e não formal. Na educação formal as atividades ocorreram em 2021, no segmento da educação infantil no Centro de Educação Infantil (CEI) com mais de 50 crianças e nos anos finais do ensino fundamental na Escola Estadual (EE) com mais de 50 estudantes. Na educação não formal nas atividades no CAPS-AD entre 2022 e 2023 participaram 30 pessoas.

A Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa foi utilizada nas atividades propostas nos diversos segmentos trabalhados no ensino da arte. Esta abordagem consiste em, através da articulação das ações de fazer, apreciar e contextualizar, sem

ordem ou hierarquia, a construção da aprendizagem na arte, desse modo trazendo fruição durante as vivências (Barbosa, 2014).

A Arte Ambiental como ferramenta da Educação Ambiental

A EA é definida como processo por meio do qual o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais para a conservação ambiental, essencial à qualidade de vida sadia e sua sustentabilidade (Brasil, 1999).

A EA também se define como processos em que são construídos valores sociais para a sustentabilidade da vida. Através da arte, seus movimentos, manifestações e expressões, é possível comunicar valores sociais em construção, sobre a temática ambiental por meio da educação formal e não formal, de maneira transversal.

Dewey (2010), ao explicar o conceito da arte como experiência, afirma que ela acontece continuamente no próprio processo de viver, no qual o ser vivo está sempre se relacionando com o ambiente. Informa também que, para que a habilidade seja artística, ela precisa ser “amorosa”, importando-se profundamente com o tema onde é exercida.

No processo artístico, a dimensão estética e a afetividade permeiam a criação, ao mesmo tempo que a consciência deste processo e as impressões que são importantes para provocar novas experiências (Lampert; Vassali, 2022). A arte atravessa as pessoas em suas experiências estéticas, quando diante de obras que provocam a olhar de formas diferentes, em um processo contínuo de aprendizados.

Esse processo afetivo e reflexivo pode ser observado nas obras dos artistas envolvidos com o conceito da Arte Ambiental e, portanto, também associado à EA que se define enquanto processos nos quais são construídos valores sociais para a sustentabilidade da vida. Nesse sentido, a Arte Ambiental pode ser utilizada como ferramenta da EA, pelo fazer artístico crítico.

Schunck (2006) argumenta que a arte é um meio transversal de sensibilização e diálogo apropriado para a educação. Nesta capacidade que possui de articular as realidades, ela pode contribuir para ampliar visões de mundo e a preocupação com os problemas ambientais locais que ajudam a criar espaços de relações (Carvalho, 2008). Dessa forma, de acordo com Sorrentino *et al.* (2005), a EA amplia conhecimentos aprendendo com diversas culturas, estudando a dimensão da ciência e contribuindo para as políticas públicas de meio ambiente.

Para Guimarães (2000), a EA embora já seja uma realidade com políticas públicas, não é acompanhada de aprofundamento crítico pelos educadores e sociedade em geral e por isso demanda reflexões. A EA é definida por Dias (2022) como forma de promoção das sensibilidades, ampliando suas percepções e, com isso, identificando comportamentos que precisam mudar em busca de harmonia e sustentabilidade.

Sob a óptica crítica da EA, que, conforme Grandisoli (2018), desempenha um papel crucial na transformação de comportamentos, valores e atitudes, ao buscar compreender as interações sociedade/natureza, enfatizamos a importância da dimensão socioambiental e dos processos participativos na EA. Esses são fundamentais para conscientizar sobre as estruturas subjacentes a uma variedade de problemas, incluindo a preservação ambiental. Além disso, esforços de engajamento e ativismos, têm potencial de impulsionar a mudança, especialmente quando se unem na luta contra modelos urbanos excludentes e pela melhoria da qualidade de vida (Rubio *et al.*, 2022).

Com esta reflexão sobre o engajamento como potencial pedagógico que agrega diversas lutas associadas às questões socioambientais, a Arte Ambiental se faz pertinente como ferramenta aliada à EA em um trabalho de sensibilização transversal visando a mudança de comportamentos, seja na educação formal ou não formal.

Pensando no trabalho educativo que a Arte Ambiental proporciona, a relação com as espacialidades nas cidades e a diversidade cultural, é interessante o conceito da arte pública como estratégia de intervenção artística e educativa, de forma inclusiva, nas comunidades. Silva (2005) diz que a arte pública geralmente acontece partindo de um projeto interdisciplinar e coletivo e Meira (2016), chama de urbanismo tático a apropriação de espaços pouco usados, distribuindo sua gestão, de modo que os cidadãos possam se apropriar e transformar áreas pouco usadas em lugares vivos.

Essa proposta de transformar áreas subutilizadas em espaços vivos, em escolas e seus arredores, na educação formal ou não formal em aparelhos públicos no bairro, pode causar discussões potentes nas temáticas socioambientais e principalmente relacionadas às questões locais. Por meio de uma abordagem inter e transdisciplinar para ações envolventes, os trabalhos artísticos podem revelar novas formas de lidar com os problemas ambientais e abordar diferentes perspectivas de solução (Darabas, 2014).

A Arte Ambiental na educação formal

A educação formal se caracteriza pela certificação ao final de seus percursos com a conclusão dos ciclos (Trilla; Ghanem, 2008). O projeto político pedagógico nas escolas de educação básica, segundo Veiga (2013), deve tratar de uma relação recíproca entre a dimensão política e pedagógica da escola, a partir dos currículos escolares. Ao longo dos anos as políticas educacionais se modificam, afetando as dinâmicas no cotidiano escolar incluindo as relações que ocorrem nas comunidades escolares.

De acordo com Lima (2020), cada linguagem artística não deve estar determinada apenas pela sua materialidade como ainda é praticada em sala de aula e por materiais didáticos nas escolas. O desafio da inter e da transdisciplinaridade em processos investigativos e artísticos é ter maiores aproximações com outras áreas do conhecimento e conteúdos na escola e na comunidade. Problemas socioambientais concretos, possuem discussões que não se limitam à cultura disciplinar. Assim, a Arte Ambiental na educação formal contribui como uma ferramenta, por meio das diversas linguagens, ao abordar as questões ambientais nas diferentes áreas do conhecimento.

Embora a Base Nacional Comum Curricular de 2018 mencione a EA de forma transversal, não fornece orientações específicas, o que representa um desafio. Portanto, é ainda mais importante criar estratégias para abordar a EA, de maneiras diversas, na educação básica (Rachid *et al.*, 2022).

Os princípios da gestão participativa destacados por Libâneo (2013) podem ser um meio de promover a Arte Ambiental em diferentes níveis da educação básica, envolvendo autonomia escolar, formação continuada e relações humanas produtivas e criativas em busca de objetivos comuns. Seguindo esses princípios, que promovem a participação das comunidades escolares na gestão e na política escolar, é possível construir uma educação crítica e transformadora no contexto da educação formal.

A Arte Ambiental na educação não formal

Quanto mais aliados e protagonistas estiverem envolvidos na educação, especialmente com metodologias críticas e transformadoras da EA, maior será a contribuição para o entendimento e o combate das profundas assimetrias na insustentabilidade no Antropoceno (Lopes *et al.*, 2022).

Gohn (2006) distingue educação formal, informal e não formal, delineando seus campos: a educação formal ocorre nas escolas, com currículos definidos; a educação informal ocorre durante a socialização, transmitindo valores e cultura; a educação não formal é uma aprendizagem na vida, através de experiências coletivas. Esta modalidade constitui um processo de aprendizagem social centrada no indivíduo, por meio do desenvolvimento de atividades coletivas no mundo da vida.

Críticas à educação formal surgiram de setores como serviço social, saúde e cultura, levando ao desenvolvimento da educação não formal. Esta é considerada por Gohn (2006) um campo de conhecimento em evolução, abordando dimensões como aprendizado político, habilidades para o trabalho e organização com objetivos coletivos.

A educação não formal tem o potencial de conscientizar e sensibilizar indivíduos e comunidades sobre questões socioambientais, principalmente através da aprendizagem política em interações sociais. Através da Arte Ambiental, por meio de ações individuais ou coletivas, trocas e diálogos, é possível criar uma EA que afeta a percepção e o comportamento nos territórios de vivência.

EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO FORMAL

Oficinas de Arte Ambiental no Centro de Educação Infantil

Os Centros de Educação Infantil (CEIs) na rede municipal de educação de São Paulo oferecem educação em período integral para bebês e crianças até 3 anos que residem na região onde a pesquisa ocorreu. Devido à pandemia de coronavírus, o planejamento das oficinas de Arte Ambiental se concentrou em atividades ao ar livre nas instalações da creche, como o ateliê, bosque e jardim. Ao todo, foram realizados seis dias de oficinas, cada dia atendendo a, pelo menos, três turmas diferentes na creche.

A sequência das oficinas foi a seguinte: 1) desenho na areia; 2) plantio em garrafas PET; 3) construção de móveis com galhos e folhas; 4) pintura com pigmentos naturais; 5) construção de pau de chuva; e 6) dança dos elementos da natureza.

Essas oficinas ocorreram em espaços ao ar livre a fim de minimizar o risco de contágio pelo coronavírus, permitindo maior contato das crianças, professores e funcionários com a natureza. O planejamento e o cronograma dessas oficinas, desenvolvidos em colaboração com a gestão da escola, viabilizaram as propostas

experimentais de Arte Ambiental na educação infantil, alinhando-se à Abordagem Triangular e à Arte Ambiental como metodologia na Educação Ambiental.

Trabalhar em pequenos grupos ao ar livre, envolvendo diferentes linguagens artísticas, relacionadas à temática ambiental foi essencial para alcançar os objetivos das oficinas, que visavam promover experimentações artísticas e sensibilização ambiental. Para Oliveira (2014), a defesa do meio ambiente é parte essencial da formação na educação infantil, por meio de atividades que buscam promover novas formas de sociabilidade e subjetividade, contribuindo para a formação cidadã e democrática.

Eletiva “Ocupando a escola com Arte Ambiental” em uma Escola Estadual

Em 2021 foi proposta a disciplina eletiva “Ocupando a escola com Arte Ambiental”, no segmento do ensino fundamental, para os anos finais. A ideia era ocupar os espaços ao ar livre da escola, experimentando diferentes linguagens artísticas para abordar questões de EA.

O modelo Eletiva, implementado em 2020 na rede estadual de ensino, faz parte dos componentes do Inova Educação (Projeto de Vida, Tecnologia e Inovação e Eletivas). É organizado de forma multisseriada, com projetos semestrais, com duas aulas por semana, e os estudantes escolhem em qual participar.

Ao longo do primeiro semestre foram realizadas sete propostas de atividades: 1) lista de espaços da escola para ocupar com Arte Ambiental; 2) proposta de oficina ou aula de acordo com sua experiência e vontade de compartilhar conhecimentos; 3) desenho de observação de plantas em casa; 4) germinar sementes em casa, fazer caderno/portfólio de desenhos e estudos, pesquisar cultivo de espécies; 5) desenho de projeto de locais da escola ou organizar listas compiladas de ideias para criar uma agenda da Eletiva; 6) plano de oficina ou aula que gostaria de oferecer ou registro de oficina ou aula que receber no caderno/portfólio e 7) vídeo folheando o caderno/portfólio com as atividades e estudos.

Ao final foi elaborado cronograma com oficinas propostas pela comunidade escolar, sendo elas: papel reciclado, adubação e plantio, jogos/brinquedos com material reciclado, pintura com pigmentos naturais, lambe-lambe com goma caseira, plantio em garrafas PET e tear; agronomia, sobre aquecimento global, lixo e reciclagem.

No segundo semestre as atividades começaram a ser realizadas de forma presencial na escola, com revezamentos de estudantes para evitar aglomerações, havia mais de 50 estudantes no contexto multisseriado que retornaram ao ensino presencial. A sequência das oficinas no segundo semestre foi: plantios em garrafa PET, produção de cartazes, pintura de mural, visita na horta da escola e performances artísticas.

A Arte Ambiental abordada como Eletiva no ensino fundamental pareceu gerar processos educativos significativos pela participação dos estudantes na construção e trocas de saberes e nos desdobramentos e reflexões posteriores. Embora careça de ações integradas com outros professores e maior mobilização na escola, as intervenções artísticas foram efêmeras, não efetivando comunicações com os demais estudantes.

Construir um percurso pedagógico a partir de um assunto que precisa ser abordado e com um pouco de experiência, elaborando uma estrutura para ser recheada e completada pelos participantes, com seus repertórios e interesses, pode ser potente no processo educativo. Como os estudantes escolheram esta Eletiva, foi possível aprofundar significativamente a proposta pedagógica.

Esse processo de construção experienciado está associado ao conceito de metodologias ativas, por meio da autonomia de estudantes na busca de seus conhecimentos, tendo o professor papel de mediador (Oliveira *et al.*, 2023).

EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Atividades no Centro de Atenção Psicossocial - Álcool e Drogas

O CAPS-AD, um dispositivo de saúde mental que atende usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) com problemas relacionados ao uso de álcool e outras substâncias psicoativas, enfoca a atenção secundária em saúde mental e adota práticas substitutivas à lógica manicomial, centradas no acolhimento, no vínculo, no compromisso com a reintegração social e no fortalecimento de laços familiares e comunitários. No município de Itanhaém, o CAPS-AD integra o Programa Cuidar, que envolve três secretarias municipais e atende crianças e adolescentes com foco na integração social. A interdisciplinaridade desempenha um papel fundamental na elaboração do Projeto Terapêutico Singular (PTS) dos pacientes, proporcionando uma

abordagem integral. De acordo com Vasconcellos (2010), da interdisciplinaridade provém trocas entre especialistas e atividades, além de integração profunda e intensa.

O CAPS-AD é um serviço "porta aberta", permitindo que os usuários o acessem a qualquer momento. Suas atividades incluem escuta inicial, acolhimento dia, grupos de família, visitas domiciliares e oficinas terapêuticas. As oficinas terapêuticas envolvem atividades artísticas que promovem a projeção de conflitos internos e externos, estimulando a expressão criativa e a autoestima dos participantes.

Nise da Silveira, psiquiatra pioneira em tratamentos humanizados para transtornos mentais, enfatizou a importância das expressões artísticas na saúde mental. O CAPS-AD incorpora práticas sustentáveis e reconhece os inúmeros benefícios da arte, como melhora na concentração, alívio do estresse e apoio ao autoconhecimento.

Entre as atividades realizadas, estão as Oficinas de Cartonagem (técnica de artesanato baseada na criação de peças com papelão, tecido e cola), o Projeto “Bom pra quê?”⁸ e a “Dinâmica do Bosque”⁹, que são oportunidades de praticar arteterapia e conectar os participantes à temática ambiental. Por meio da produção de um objeto, da proteção de áreas arborizadas combinada com atividades de educação e pesquisa e de atividades artísticas diversas, ocorrem momentos de trocas nos quais os participantes exercitam habilidades sociais como o compartilhamento de ideias e apoio mútuo.

Atividades ao ar livre trazem sensações de prazer e liberdade, envolvimento, sensibilização e conscientização dos participantes no cuidado com o meio ambiente. É neste processo de tomada de consciência individual e coletiva que a EA é construída.

A arte educação e a arteterapia desempenham papéis cruciais na saúde mental e na prevenção de transtornos psíquicos, sendo que a arte educação, ao trabalhar com

⁸ O projeto “Bom pra quê?” visa revitalizar um terreno grande e com várias espécies arbóreas, anexo ao CAPS-AD, a fim de ampliar as possibilidades de uso como espaço de convivência com atividades socioambientais ao ar livre. O projeto está sendo desenvolvido em etapas, tendo como ponto de partida a limpeza do local, feita pelos pacientes, com coleta de resíduos na área. Na sequência foi realizada triagem para separação dos resíduos recicláveis, o que foi utilizado para discussão dos problemas causados ao meio ambiente. Foi desenvolvido material com informações que incluem o tempo de decomposição, problema causado e a forma de contribuir para evitar o descarte incorreto. Após a limpeza do Bosque, foi feita a identificação das espécies arbóreas e suas características serão estudadas. Em outras etapas, prevê-se o uso de materiais descartados em intervenções no espaço. Com novas intervenções artísticas, espera-se a criação de ambiente aconchegante para o acolhimento de pacientes, familiares e funcionários. Este tipo de construção social e integração com o ambiente é característica marcante na Arte Ambiental e na proposta realizada no CAPS-AD é de fato um processo educativo de EA pela mobilização coletiva.

⁹ A Dinâmica no Bosque, também na área mencionada, tem como estratégia, despertar sentidos como tato, olfato e visão. Jogos de adivinhação são realizados para aprender e compartilhar saberes sobre as espécies arbóreas do local e são elaboradas placas com seus nomes.

expressão artística, põe em relevo e explora a subjetividade, ao passo que a arteterapia busca na subjetividade um auxílio para que o processo criativo apoie a expressão e estruturação da subjetividade (Fonseca, 2023). A vivência criativa e a convivência contribuem para a saúde mental e o desenvolvimento profissional dos participantes.

A Arte Ambiental como elo interdisciplinar, comunitário e inclusivo

A relação da arte com a EA no Brasil, ainda não está estabelecida, porém tem um caminho promissor de conexão e mobilização pelos seus potenciais interdisciplinares (Almeida; Carlos Santana, 2023). O conceito da Arte Ambiental enquanto ferramenta da EA, com algumas experimentações na educação formal e na educação não formal, trazem elementos para reflexões.

Diante das experiências educativas observadas na educação formal e na não formal, não foram distinguidas diferenças nas dinâmicas das atividades relacionadas à Arte Ambiental. Nos três locais onde os projetos, vivências, oficinas e atividades foram realizados, em ambientes institucionais organizados pelo poder público e com relações profissionais, o afeto permeia as relações no cotidiano e se desenvolve ao longo do tempo de convivência. De fato, com base nas experiências apresentadas, a Arte Ambiental tem potencial de sensibilização sobre os problemas ambientais, além de permitir a utilização de materiais descartados e da natureza, investigação de práticas interdisciplinares e a percepção do ambiente a partir de obras interativas.

A Arte Ambiental apresenta-se como elo interdisciplinar, comunitário e inclusivo na EA, podendo abranger diferentes áreas do conhecimento, com atividades propostas em ambientes na educação pública e formal ou em espaços diversos onde a comunidade está inserida, em equipamentos de serviços públicos como no CAPS-AD. Pode sensibilizar e despertar para as questões que degradam o planeta e colocam em risco o futuro da humanidade e de toda a biodiversidade. Aliada a EA, tem o papel promissor de modificar comportamentos e refletir sobre os problemas socioambientais que afetam as comunidades. A arte tem o potencial mobilizador que possibilita um caminho de liberdade de expressão a partir das críticas pelas reflexões individuais e coletivas, além de criar conexões com a vida pelas suas próprias subjetividades.

Mais pesquisas que se conectam com o universo artístico (que se manifesta em diversas linguagens como nas artes visuais, música, dança e teatro), precisam se

aproximar com o universo da educação, nesse caso com a EA, fortalecendo mobilizações, mudanças de comportamento e participação política, pois a crise ambiental afeta todos os seres vivos do planeta.

Nas atividades que envolveram bebês, crianças e adolescentes nas escolas, o trabalho experimental de sensibilização com a Arte Ambiental foi muito importante para possibilitar conexões maiores com a EA pela utilização das diversas linguagens artísticas abordando temas sobre a natureza e a degradação ambiental.

Pelos encontros nas oficinas, algumas memórias afetivas foram compartilhadas com o grupo no CAPS-AD e novas foram criadas pela possibilidade de associação, trocas de saberes e experiências. Para Ecléa Bosi, cada encontro é uma oportunidade de ouvir o outro: “A memória é um cabedal infinito do qual registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vívidas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida do portão. [...]” (Bosi, 1994, p. 39).

Ao praticar a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, articulando as ações do praticar, apreciar e contextualizar, sem ordem ou hierarquia, cada encontro possibilita a construção de um conhecimento reflexivo e crítico tanto para os participantes quanto para as educadoras. Corroborando com Silveira (1987) que se referia ao seu trabalho como “mania de liberdade”, as atividades exerciam a não conformação com saberes hegemônicos e por isso se desenvolveram com originalidade.

Durante as atividades, os saberes circularam de uma forma horizontal favorecendo o aprendizado mútuo e reafirmando o papel de educadores como mediadores na metodologia ativa. As sociabilidades são de extrema importância, é com elas que se aprende a lidar com as realidades e é como as autonomias são construídas. Essa alta expectativa nos ambientes de aprendizagem, é chamada de inteligência cultural, à medida acontece nos espaços onde se reconhece o potencial de aprender e ensinar com todas as pessoas (Mello, 2020).

A cada encontro, o pertencimento à comunidade e ao território é fortalecido. Enquanto os participantes expressam satisfação em cada atividade, as educadoras sentem realização profissional em serem aceitas pelo grupo e serem reconhecidas como “professoras/educadoras”. Nesse sentido, relacionando as singularidades e dinâmicas que compõem os grupos em processos educativos e a ideia de comunidade que também pode ser subjetiva, é no construir formas mais libertárias que geramos mudanças e

pertencimento pela produção do comum (Domingues; Franco, 2014). Portanto, o trabalho educativo é construído com relações de reciprocidade.

De acordo com Schnack (2008), a EA, a educação para a promoção de saúde e para a sustentabilidade fazem parte da educação democrática. Segundo a autora, o conceito de participação tem que ser parte integral da filosofia pedagógica, e não só pelas razões de eficácia, mas por motivos éticos e educacionais.

Valores sociais estão presentes na lei brasileira da EA de 1999, que para a conservação do meio ambiente e da sustentabilidade da vida, o bem-estar e o pertencimento precisam ser assegurados. Este pertencimento só pode ser construído em uma sociedade que funciona com participação e diálogo. A educação construída nas instituições, seja na educação formal ou não formal, é dialógica? A EA no Brasil, a partir de suas políticas públicas, promove discussões participativas que agregam os movimentos locais nos territórios, incluindo os movimentos artísticos?

Grandisoli *et al.* (2021) apontam a necessidade da presença dos educadores nos debates sobre as políticas públicas educacionais para impedir retrocessos no campo ambiental e fortalecer a EA nos espaços educacionais.

CONCLUSÃO

De acordo com Almeida e Carlos Santana (2023), a relação entre arte e Educação Ambiental (EA) no Brasil ainda não está plenamente estabelecida, mas apresenta potencial e caminhos promissores devido à sua natureza interdisciplinar e capacidade de mobilização, explorando diversas linguagens e tópicos de discussão e ação. Isso reflete a necessidade de uma maior integração prática desses temas.

A Arte Ambiental é subexplorada no contexto brasileiro e requer uma abordagem mais abrangente. Baseando-se em experiências de EA dentro e fora do ambiente escolar, a Arte Ambiental, quando usada como forma de expressão, se destaca como uma ferramenta eficaz para sensibilizar as pessoas sobre questões ambientais, valorizar a vida em todas as suas formas e os recursos naturais, além de abordar os desafios ambientais resultantes da atividade humana. Essa sensibilização é capaz de provocar reflexões e estimular os sentidos e novas perspectivas que podem levar a ações e comportamentos em prol do meio ambiente.

Além disso, o contato com a natureza tem demonstrado benefícios significativos para o bem-estar, incluindo melhorias no humor e alívio de sintomas de depressão, ansiedade e estresse, que podem ser desencadeados ou agravados por várias circunstâncias ao longo da vida das pessoas.

As conexões de diferentes áreas do conhecimento no cotidiano das pessoas são muito importantes para a construção de uma educação mais significativa e crítica em um mundo cada dia mais fragmentado, complexo e desigual com precariedades se intensificando e afetando a qualidade de vida das pessoas. O papel de educadores deve propiciar a ampliação de horizontes por meio de projetos que forneçam ferramentas para a transformação social e que incluam a conservação ambiental. O papel da arte, segundo Sato e Passos (2010, p. 57) é crucial, à medida que: “não lemos apenas com as emoções, mas evocamos a inteligência no enredo pedagógico, é inequívoco que a arte representa um meio de se construir a educação ambiental sábia e sentimentalmente”.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Richard; CARLOS SANTANA, Luiz. Educação ambiental e artes: um estudo sobre dissertações no Brasil (1981-2019). **Revista Triângulo**, Uberaba, MG, v. 15, n. Esp, p. 153–172, 2023.
- AVANCINI, José Augusto. “A arte-educação cria elos com o cotidiano?” *In: Anais do Simpósio Estadual de Arte-educação: a arte-educação e a construção do cotidiano.* Porto Alegre, junho de 1995.
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 80 e novos anos.** São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. Lei no 9.795. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **Diário Oficial da União.** Brasília, 1999. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm#:~:text=Art.,de%20vida%20e%20sua%20sustentabilidade. Acesso em: abr. 2024.
- CARVALHO, Isabel Maria Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico.** São Paulo: Cortez, 2008.
- CYPRIANO, Fabio. **ARTE!BRASILEIROS.** 2021. “Joseph Beuys e o abandono à arte”. Disponível em: <https://artebrasileiros.com.br/arte/artigo/beuys-centenario/>. Acesso em: jun. 2023.

DARABAS, Susanne. *ENVIRONMENT & SOCIETY PORTAL*. Rachel Carson Center for Environment and Society. “A Short History of Environmental Art”, 2014. Disponível em: https://www.environmentandsociety.org/sites/default/files/key_docs/darabas_history_gr_eeen_art_0.pdf. Acesso em: abr. 2024.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental**: princípios e práticas. São Paulo: Gaia, 2022.

DOMINGUES, Adriana Rodrigues; FRANCO, Erich Montanar. Reflexões teóricas sobre sujeitos coletivos e experiências comunitárias. In: STELLA, Claudia (org.). **Psicologia Comunitária**: contribuições teóricas, encontros e experiências. Petrópolis: Vozes, 2014.

FONSECA, Annelise Nani. Processo Criativo na Perspectiva da neurociência. In: BARBOSA, Ana Mae; FONSECA, Annelise Nani (orgs.). **Criatividade Coletiva**: arte e educação no século XXI. São Paulo: Perspectiva, 2023.

GIACOMO, Vincenzo. **EOA UOL**. “Do pó ao pop: cinzas de florestas queimadas viram arte e ajudam brigadistas”, 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/eoa/ultimas-noticias/2022/10/21/cinzas-de-florestas-queimadas-viram-obras-de-arte-e-ajudam-brigadistas.htm>. Acesso em: jun. 2023.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal na pedagogia social. **Anais**. 1, Cong. Intern. de Pedagogia Social, mar 2006. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092006000100034. Acesso em: abr. 2024.

GRANDISOLI, Edson Abreu de Castro; CURVELO, Eliana Cordeiro; NEIMAN, Zysman. Políticas públicas de Educação Ambiental: História, formação e desafios. **Revista Brasileira De Educação Ambiental**, 16(6), 321–347, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/12811>. Acesso: 01 abr. 2024.

GRANDISOLI, Edson Abreu de Castro. **Projeto Educação para a Sustentabilidade: transformando espaços e pessoas**: uma experiência de sete anos no ensino médio. 2018. Tese (Doutorado em Ciência Ambiental) - Instituto de Energia e Ambiente, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/106/106132/tde-23112018-101259/pt-br.php>. Acesso em: 01 abr. 2024.

GUIMARÃES, Mauro. **Educação Ambiental**. Rio de Janeiro: Editora UNIGRANRIO, 2000.

IVO, Leonardo. **DASARTES**. 2020. “Agnes Denes”. Disponível em: <https://dasartes.com.br/materias/agnes-denes/>. Acesso em: jun. 2023.

LAMPERT, Jocielle; VASSALI, Miguel. Arte como experiência ou a experiência na pesquisa em artes visuais. **Revista Trama Interdisciplinar**, 13(2), 50–66. 2022. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/15204>. Acesso em: 01 abr. 2024.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática**. São Paulo, Heccus Editora, 2013.

LIMA, Simone Laiz de Moraes. **Estudos, conversas, vivências e reflexões: o que a BNCC arte do ensino fundamental nos diz?** 2020. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2020. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNSP_4476fd9b0790ec5852244117c8c365a2. Acesso em: abr. 2024.

LIXO EXTRAORDINÁRIO (documentário). Direção de Lucy Walker, João Jardim e Karen Harley. Brasil, 2009. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JLTY7t8c_x0. Acesso em: abr. 2024.

LOPES, Larissa; CAMPOS, Sabrina Policarpio Souza; TALEBI, Maurício; RABINOVICI, Andrea. Para além da escola: o potencial transformador da educação ambiental não-formal. In: RABINOVICI, Andrea; NEIMAN, Zysman. (orgs.). **Princípios e Práticas de Educação Ambiental**. Diadema: V&V Editora, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/items/10c801e8-df4f-4ab2-8bba-80465cba8283>. Acesso em: abr. 2024.

MAPE – Movimento Arte e Pensamento Ecológico. Humanizar Internacional. S/d. Disponível em: <https://humanizarinternacional.org/MAPE/>. Acesso em: jun. 2023.

MATOS, Diego. **DASARTES**. 2022. “Frans Krajcberg”. Disponível em: <https://dasartes.com.br/materias/frans-krajcberg/>. Acesso em: jun. 2023.

MEIRA, Béa. **Percursos da arte**. São Paulo: Scipione, 2016.

MELLO, Roseli Rodrigues de. **Comunidades de aprendizagem: outra escola é possível**. São Carlos: EduUFSCar, 2020.

MUNIZ, Vik. Vik Muniz. S/d. Disponível em: <https://vikmuniz.net/pt/>. Acesso: jun. 2023.

OITICICA, Hélio. **Museu é o mundo**. Lisboa: Beco do Azogue, 2011.

OLIVEIRA, Francisco Lindoval; NÓBREGA, Luciano; CAVALCANTE, Marcele Alves dos Santos. O uso das metodologias ativas de aprendizagem na formação do professor: das universidades para a prática nas escolas. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, nº 8, 7 de março de 2023. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/8/o-uso-das-metodologias-ativas-de->

[aprendizagem-na-formacao-do-professor-das-universidades-para-a-pratica-nas-escolas#:~:text=Um%20professor%20que%20faz%20uso,autonomia%20na%20busca%20desse%20saber. Acesso em: abr. 2024.](#)

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. (org.). **O trabalho do professor na educação infantil**. São Paulo: Biruta, 2014.

PEDROSA, Mário. Arte ambiental, arte pós-moderna, Hélio Oiticica. In: AMARAL, Aracy (org.). **Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

RACHID, Lucas dos Santos Fazzio; MENDES, Jean William; NEIMAN, Zysman. Educação Ambiental no Ensino Formal. In: RABINOVICI, Andrea; NEIMAN, Zysman (orgs.). **Princípios e Práticas de Educação Ambiental**. Diadema: V&V Editora, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/items/10c801e8-df4f-4ab2-8bba-80465cba8283>. Acesso em: abr. 2024.

RAHE, Nina. **SELECT**. “Uyra Sodoma: a cobra das águas amazônicas diante da degradação ambiental”, 2021. Disponível em: <https://select.art.br/uyra-sodoma-a-cobra-das-aguas-amazonicas-diante-da-degradacao-ambiental/>. Acesso em: jun. 2023.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

RKAIN, Jamyle. **ARTEQUEACONTECE**. “Afiml, o que é a chamada “land art”?”, 2021. Disponível em: <https://www.artequaeacontece.com.br/afinal-o-que-e-a-chamada-land-art/>. Acesso em: jun. 2023.

RUBIO, Fernanda Eiras; PERES, Mônica Conceição dos Santos. A Arte Ambiental na Educação (Formal ou Não): **Reflexões Sobre Experiências nas Cidades de São Paulo e Itanhaém**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação Lato Sensu em Educação Socioambiental e Sustentabilidade), Universidade Federal de São Paulo e Universidade Aberta de Meio Ambiente e Cultura da Paz, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/items/6bc40583-2eff-4b00-aa87-ebaccf1e36f3>. Acesso em: abr. 2024.

RUBIO, Fernanda Eiras; SANTOS, Fábio Pereira dos; OLIVEIRA, Tamires; STEVOLO, Pedro Luiz. Movimentos de águas urbanas na cidade de São Paulo: ativismos e práxis educativa do GERAR. In: BRUNE, Graciane de Souza et al. (orgs.). **Enfrentamentos da educação e da cultura: territórios de resistência e utopia**. São Paulo: Instituto das Cidades, Universidade Federal de São Paulo, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/370805593_Escola_Comunitaria_Gerar_conhecimento_coletivo_a_partir_de_Estudo_do_Meio_e_Pesquisa-Acao_como_ferramenta_para_Ativismos_Urbanos. Acesso em: abr. 2024.

SATO, Michèle; PASSOS, Luis Augusto. Arte-Educação-Ambiental. **Ambiente & Educação: Revista de Educação Ambiental**, v. 14, p. 43-59, 2010. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/1136>. Acesso em: abr. 2024.

SCHNACK, Karsten. *Participation, Education, and Democracy: Implications for Environmental Education, Health Education, and Education for Sustainable Development*. In: REID, Alan et al.. *Participation and Learning*. Dordrecht: Springer, 2008. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-1-4020-6416-6_11. Acesso em: abr. 2024.

SCHUNCK, Dulcinéia S.. **Arte e natureza: uma experiência de sensibilização ambiental por meio da arte**. 2006. Tese de Doutorado (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/7486>. Acesso em: abr. 2024.

SILVA, Fernando Pedro da. **Arte pública: diálogo com as comunidades**. Belo Horizonte: C/Arte, 2005.

SILVEIRA, Nise da. **Os inumeráveis estados do ser**. Rio de Janeiro: Museu de Imagens do Inconsciente, 1987.

SMITHSON, Robert. **REVISTA ZUM**. 2021. *A Spiral Jetty (1972)*. Disponível em: <https://revistazum.com.br/ensaios/a-spiral-jetty-1972/>. Acesso em: 18 jul. 2024.

SORRENTINO, Marcos; TRAJBER, Rachel; MENDONÇA, Patrícia; JUNIOR, Luiz Antônio Ferraro. Educação ambiental como política pública. **Educação e Pesquisa**. v. 31, n. 2, pp. 285-299, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/WMXKtTbHxzVcgFmRybWtKrr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: abr. 2024.

TEIXEIRA, Débora de Lima et al. **Manual de metodologias participativas para o desenvolvimento comunitário**. São Paulo: ECOAR, S/d. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/ems/PDF%20DOS%20PROGRAMAS/MANUAL_DE_METODOLOGIAS_PARTICIPATIVAS.pdf. Acesso em: abr. 2024.

TICOULAT, Fernando; LOPES, João Paulo Siqueira. **Eco-Lógicas Latinas**. São Paulo: Act. Editora, 2023.

TRILLA, Jaume; GHANEM, Elie. **Educação formal e não-formal**. São Paulo: Summus, 2008.

VASCONCELLOS, Vinicius Carvalho de. Trabalho em equipe na saúde mental: o desafio interdisciplinar em um CAPS. SMAD, **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** (Ed. port.), Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 1-16, 2010.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Projeto político-pedagógico da escola: Uma construção possível**. Campinas: Papirus, 2013.

VIOLA, Eduardo. **O Movimento Ecológico no Brasil (1974-1986): do Ambientalismo à Ecológica**. Campos do Jordão: Anpocs, 1986.